



Rogério com as filhas, Alexia e Débora; o enteado Pedro; e a mulher, Adriana Corrêa. Ao lado, em festa na escola

“A gente brinca que aprendeu a ser gestor de duas formas”, diz Rogério, hoje com certo alívio por ter superado o momento e voltado à normalidade. “Houve um estágio muito forte, foi muito dolorido. Uma gestão com escola fechada. Eu vinha para cá fazer horário, até para atender um pai ou outro, mesmo que com aqueles protocolos todos; entregar material impresso”, relata.

“E sabe o que mais desafiou a gente? O impacto com relação às tecnologias. Porque a nossa formação ainda é muito precária. Inicial e continuada”, destaca Rogério. Além disso, foi necessário enfrentar o sofrimento de cada um. “Não tivemos perda aqui na escola, nem de alunos, nem de professores. Mas, de parentes, foi um monte. O professor às vezes recebia a notícia: ‘Um tio meu morreu agora’. Isso durante uma aula. Tinha reunião coletiva nossa em que parávamos, literalmente, para chorar”, lamenta. “E mesmo assim eu tinha que continuar gerindo. ‘Vamos lá, qual é a meta agora? Qual é a prova?’ Isso ficou marcado na alma, no sentimento de cada um. Mas ficou o aprendizado, de que eu preciso dar outro passo na minha vida. Eu

preciso abrir minha mente para outros tipos de conhecimento e, querendo ou não, eu tenho que abraçar a tecnologia de alguma forma.”

Vínculo para a vida

Rogério brinca que saiu da Estrutural, “mas a estrutural não saiu da minha vida”. Hoje, no CED 4 do Guará, quase a totalidade dos estudantes mora na região administrativa vizinha. “São oito ônibus de manhã e oito à tarde. Os alunos são transportados de lá para cá”, enumera. “Deve ter alguma missão para eu fazer com esses meninos. Talvez incluí-los nesse aspecto que conseguimos no ano passado, de ajudar para que

ingressassem na universidade pública.”

A mudança começou tímida, reflexo também de ações de outras gestões, que conseguiram tirar a escola das manchetes policiais e transferi-la para o noticiário de educação e de histórias de sucesso. No ano passado, o CED 4 aprovou oito estudantes na UnB. Além do mérito deles próprios, o empenho da equipe escolar em divulgar datas e auxiliar nas inscrições foi o que fez toda a diferença.

“Um aluno que vem da escola pública, que vem da Estrutural, ele precisa saber que ele tem potencial para chegar lá”, diz Rogério. A direção percebeu que os estudantes, muitas vezes, não tinham sequer paciência para entrar na internet e fazer inscrição. Como

bom professor, ele também não poupa a chamada de atenção quando é necessário. “Eu costumo brincar que eles usam a internet para tudo, menos para o que é essencial”, alerta.

A escola passou, então, a divulgar datas, passo a passo para a inscrição, disponibilizar computadores e a incentivar os estudantes a fazerem as provas de acesso à UnB e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). “E falar para eles: ‘Vocês conseguem’. Isso é essencial”, resume Rogério. “Agora, essa é uma escola que pode ter uma história diferente, porque está conseguindo enxergar um futuro e encaminhar os alunos para esse futuro.”

Vidas transformadas

À frente da gestão do CED 4 do Guará, Rogério encara o desafio, junto à equipe pedagógica e administrativa, de reger três escolas diferentes. As turmas do ensino médio são oferecidas nos turnos da manhã e da tarde, quando a escola também recebe estudantes dos anos finais do ensino fundamental. À noite, a instituição é a única da rede pública do Guará a ofertar a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o ensino médio regular para alunos com defasagem idade-série.

Para percorrer o caminho que o levou até a esse ponto, Rogério diz que não há mistério: bastou acreditar na educação. “Como é que esse cara que começou como merendeiro e foi administrativo, chega na gestão? Primeira coisa acho que é acreditar que educação. E isso não é utopia. Não é falar da boca para fora. Senão, eu não estaria aqui. Educação é o único caminho que eu vejo, em termos legais, que pode fazer com que a pessoa sonhe em alcançar seus objetivos de maneira correta, concreta, decente e responsável.”

Na visão do educador, dizer que a educação pode salvar vidas não constitui um clichê, é a mais pura verdade, e esse é o ensinamento que ele e a mulher, Adriana Corrêa, passam também para a filha, Alexia, 10 anos, e para o enteado dele, Pedro, 27. “Você pega um aluno igual a gente teve aqui agora, que passou em química na UnB e que estava totalmente descredito. Eu falo isso sem nenhum medo de errar: não tem valor no mundo que pague isso”, diz Rogério. “Agora, sim, vai um clichê: (a educação) ‘Ninguém te tira, ninguém te rouba, ninguém te leva’. Ninguém. Está na sua cabeça, no seu coração.”

Fotos: Arquivo pessoal

